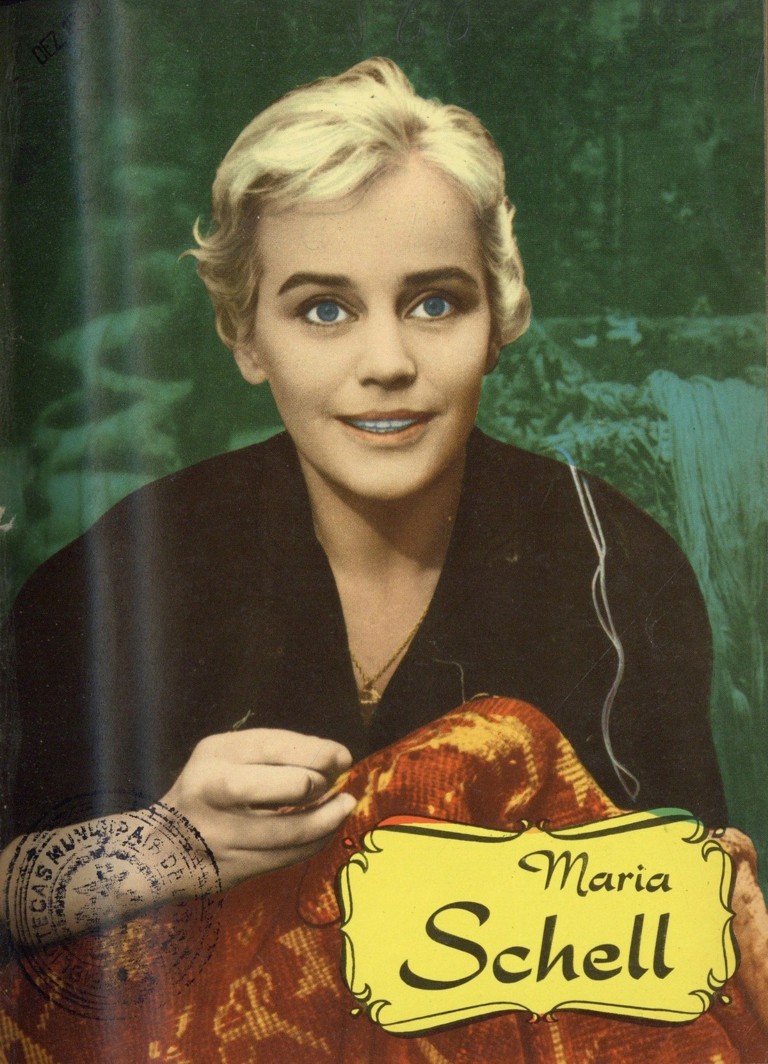

Maria
Schell

ALBUM DOS ARTISTAS

(2.º Volume — Fasc. 34)

Edição de Aguiar & Dias, Ltd.ª — Todos os direitos reservados para Portugal, em conformidade com a lei, na apresentação, disposição e conjunto da obra. — Distribuidores e Depositários: Agência Portuguesa de Revistas — Rua Saraiva de Carvalho, 207 — Telefones 668639/668684 — LISBOA (Portugal) — Delegação no Porto: Rua Duque de Loulé, 42 — Telefone 30794 — Composto e impresso nas Oficinas de Bertrand (Irmãos), Ltd.ª — Travessa da Condessa do Rio, 7 — Lisboa.



Viena, a cidade onde o silêncio canta, viu nascer Maria Schell

Maria Schell nasceu a 15 de Janeiro de 1929, em Viena, a cidade mais romântica do mundo, banhada pelo Danúbio, berço de poetas e músicos famosos.

Viena, uma das mais antigas cidades europeias, sofreu no decorrer dos séculos influências latinas, germânicas e eslavas e daí a sua fisionomia característica e original, de cidade cosmopolita, com perto de 2 milhões de habitantes. As suas construções medievais, a par das suas colinas arborizadas, tornam-na a cidade preferida pelos artistas e Maria Schell cedo começou a amá-la.

De Viena, disse o poeta Jean Cocteau: «Aqui, o ar que se respira é musical — e o próprio silêncio canta». Não há exagero nesta afirmação, porque, na verdade, de todas as paixões dos vienenses, nenhuma se compara à da música. Data de recuada época e estende-se a todas as classes o pendor para a arte musical que caracteriza a gente de Viena. Os nomes de Gluck, Haydn, Mozart, Beethoven, Schubert, Brahms, Strauss, criaram tradições que o rolar do tempo ainda não apagou.

A mãe e o pai de Maria eram artistas — ela actriz e ele poeta — e cedo iniciaram a filha no amor pela vida artística, levando-a a palmilhar os caminhos que revelam o mistério e a doçura das mais sublimes criações do espírito humano.

Entre os seus ancestrais, Maria tinha um nobre francês — o Marquês de Noé, seu bisavô. Seu pai, Hermann Ferdinand Schell era suíço e afirmara-se um dos mais autênticos poetas contemporâneos do seu país. Sua mãe, Margaret de Noé Schell, nascera em Viena e ali conquistara uma posição brilhante como actriz de teatro.

Graças à educação recebida e aos ambientes em que a sua vida decorria, a pequena Maria adquiriu aquela alegria exuberante e espontânea que distingue as pessoas realmente felizes.

Em Viena, devia ser difícil encontrar criança tão ladina e brincalhona.

2 rapazes e 2 raparigas

O casal Schell tinha 4 filhos: dois rapazes e duas raparigas. Os rapazes chamavam-se Carl e Maximilien; as raparigas Editha Nordberg e, já sabem, Maria Schell.

Habitavam uma muito boa moradia, embora não tivessem grandes recursos. Essa moradia era, por mais estranho que pareça, o palácio vienense de Maria Teresa... Não o palácio em si, mas os aposentos dos criados...

A pequena Maria e os seus irmãos irrequietos e curiosos, não demoraram a descobrir uma escada secreta que conduzia aos aposentos r e a i s. Essa descoberta proporcionou-lhes o contacto com um mundo de encanto e maravilha que extasiou os seus cérebros infantis. Passaram a franquear diàriamente as portas daquele reinado de sonho, tão secreto como a escada que tinham descoberto quase à maneira dos contos de fadas.

Torna-se fácil imaginar o desgosto que a pequena Maria e os irmãos sofreram quando seus pais tomaram a decisão de partir para a Suíça. Ela amava Viena e afeiçoara-se tanto às coisas que a rodeavam que a despedida tornou-se dolorosa e dos seus olhos brotaram as primeiras lágrimas amargas.



Desde criança, Maria Schell habituou-se, por um lado, à vida ao ar livre e à simplicidade, e, por outro, a conhecer os tesoiros artísticos que o destino quis pôr perto dos seus olhos. Em Viena ela habitou os aposentos da casa de Robert Wagner. A futura estrela tinha apenas 3 anos quando tirou esta fotografia no meio de seu irmão Carl Herman e da criada da casa.

Em Zurique, outra cidade espiritual

Apesar de tudo, Maria não ficou a perder com a troca. Por estranha coincidência, ela passou a habitar a antiga casa dos criados de Robert Wagner, em Zurique. Era uma casa muito bela... mas infestada de ratos. Longe de se amedrontarem, habituaram-se à presença dos roedores e encontraram até uma maneira de se divertirem com eles...

«Numa noite de Natal — confessou mais tarde Maria a um amigo íntimo — meus irmãos e eu passámos todo o tempo entretidos a contemplar a astúcia de um pequeno rato que, pendurado na árvore de Natal, brincava com uma bola...»

A cidade oferecia aos olhos de Maria uma profusão de monumentos sumptuosos, que lhe recordavam Viena com frequência. Ela aprendeu, assim, a amar a vida em todos os seus aspectos, habituando-se a sentir profundamente, a viver com paixão cada hora da sua existência. O riso espontâneo e contagiante tornou-se desde logo uma das características que ainda hoje mais ressaltam na sua personalidade.

Por outro lado, talvez devido a um certo pendor para os extremos, ela sofria horrìvelmente quando alguém a magoava. Muitas vezes, zangava-se com colegas da escola por elas, a título de brincadeira, lhe dizerem que não sabia a lição.

Internada num colégio

Para que Maria tivesse uma educação irrepreensível, seus pais enviaram-na para o Pensionnat Saint-Odile, em Colmar. Ali, passou ela um dos mais curiosos períodos da sua existência, mas não dos mais divertidos, porque se tratava de uma instituição de hábitos severos. Todas as alunas internadas dormiam vestidas, por motivos de pudor. E, para tomarem banho, sucedia o mesmo!...

Em vez de se arreliar perante estes excessos, Maria achava-lhes graça. Envolta numa espécie de camisa de noite muito ampla, ela metia-se na banheira e lavava-se por cima e por debaixo da roupa, o que lhe valia, por parte das freiras, o título de «aluna intratável».

O primeiro filme que Maria viu

Apesar da severa disciplina do colégio, Maria conseguiu ir assistir pela primeira vez a uma sessão de cinema — que lhe causou tanta impressão que nunca mais a esqueceu. Tratava-se do famoso filme «Foi uma mulher que o perdeu» (Quai des Brumes) com Jean Gabin.

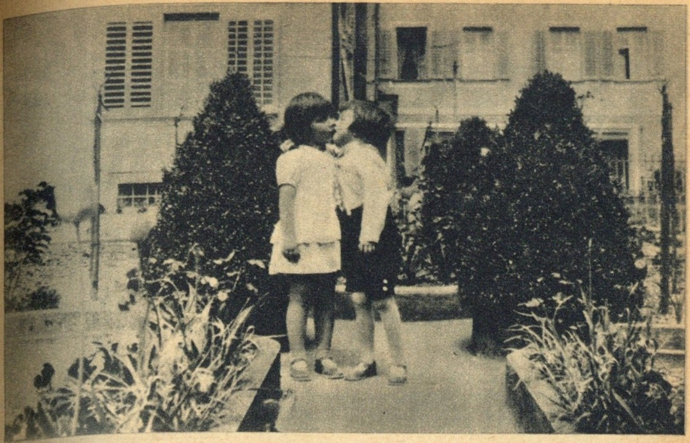
Não obstante a ansiedade que sentia por ir chegar bastante tarde ao colégio, Maria prometeu a si mesmo que se tornaria artista de cinema e que filmaria um dia com Jean Gabin.

(Esta segunda promessa podia ter sido já satisfeita, se não houvesse fracassado o projecto do filme «Le désordre et la nuit», para que estavam indigitados os nomes de Gabin e de Maria Schell).

Uma garota endiabrada

Com o seu feitio alegre e descuidado Maria transformou-se fàcilmente numa garota endiabrada, que reagia da maneira mais inesperada perante as coisas que não compreendia.

Uma vez, por exemplo, ela despejou um tinteiro na pia de água benta divertindo-se a ver a cara das colegas



Em frente da casa que pertencia a Robert Wagner havia um jardim em que Maria brincava com seus irmãos e alguns garotos amigos. Numa dessas brincadeiras, ela deu o seu primeiro beijo... olhando de soslaio para o fotógrafo



Cá estão eles! Maria usava umas botas cardadas, porque, como era muito ladina e buliçosa, não havia calçado que lhe chegasse... O pai tinha-lhe dado um relógio de pulso, que ela exibia orgulhosamente. O leitor já a reconheceu, por certo: ela é a garota da direita, no grupo de trás. Aparecem também nesta fotografia sua irmã Immy, de 2 anos, seu irmão Maximilen de três, e Carl Herman, o mais velho, de 4 anos.

que todas as manhãs iam fazer o sinal da cruz...

Noutra ocasião, invejando uma das suas amigas, a pequena Gaby, que tinha caído doente à cama, Maria comeu l a g o s t a para provocar a si mesmo um ataque de sarampo.

«Fiz-me doente sem o estar ùnicamente para que se ocupassem de mim» — confessou ela mais tarde.

Caso curioso, este truque de criança aproveitou-o o cinema para uma das mais sugestivas cenas de «Amar-te-ei sempre», dando-nos a própria Maria Schell num episódio semelhante...

Uma celebridade esquisita...

Ainda em Colmar, Maria conquistou uma celebridade esquisita entre todas as suas colegas, servindo-lhes de... caixa de correio.

As crianças internadas não podiam escrever aos seus familiares em cartas fechadas. Toda a correspondência era obrigatòriamente visada pela directora. Desta maneira, elas não podiam queixar-se de coisa alguma e limitavam-se a escrever às famílias as coisas mais vulgares.

Para pôr termo a tal situação, Maria lembrou-se, durante as suas idas regulares ao dentista, que lhe parecia ser um excelente homem, de que as cartas podiam ser deitadas fora do colégio por mão amiga.

O simpático dentista não se negou a ser prestável, mas no dia seguinte, os óculos quase lhe cairam do nariz, ao ver Maria tirar, debaixo do saiote, um grande maço de cartas.

Era, porém, um homem compreensivo e afável — e não regateou a sua colaboração perante as súplicas da sua pequena cliente.

O dentista passou a ser, assim, o carteiro providencial de dezenas de raparigas. E, desta forma, as famílias das internadas no colégio de Sainte-Odile, em Colmar, puderam saber que ali a sopa não era boa...

Primícias de uma estrela

A estreia de Maria Schell na arte de representar deu-se, por mais estranho que pareça, no próprio colégio de Colmar, numa peça para crianças e interpretada por crianças.

Tratava-se de uma princesa e de um homem bom e Maria personificava a princesa e reinava num país de fadas.

Para simbolizar este país de fadas, o autor da audaciosa peça tinha imaginado uma cozinha maravilhosa, toda cheia de bolos, de doces e outras coisas suculentas.

Antes dos ensaios, a directora tinha explicado à novel actriz que ela não deveria tentar comer o bolo que aloirava no forno, em honra da princesa, mas apenas simular esse acto...

Nos ensaios tudo se passou a contento de todos. O bolo era simbolizado por um grande bocado de cartão. E Maria não sentia crescer a água na boca...

Porém, quando o dia da representação chegou, as coisas mudaram de figura, porque o que saía do forno e r a evidentemente, um verdadeiro bolo, bastante dourado...

Maria não pôde resistir à tentação e todos os seus colegas em cena, todos os alunos do internato de Saint-Odile, assim como todos os professores presentes, puderam ver, impotentes, a pequena princesa devorar completamente o bolo apetitoso.

Ela alcançou um grande êxito, mas sofreu, por outro lado, uma indigestão...

Primeiros artifícios

A desagradável experiência não roubaria à pequena actriz o gosto pel



A vocação artística despontou em Maria quando ela ainda era uma menina de bibe e calção... Ei-la vestida de princesinha numa peça representada na escola pelo grupo dramático.

arte de representar. E até seu pai, que assistira à peça, modificou o que pensava a esse respeito.

Assim, quando chegou a altura de comunicar ao pai o desejo de ser actriz, Maria ouviu em vez da oposição que esperava, algumas palavras de simpatia, que ela nunca mais esqueceu.

O senhor Hermann Ferdinand Schell orgulhava-se de ser um homem em que o respeito pela vontade alheia prevalecia sobre todos os interesses embora soubesse, na maioria das vezes, levar a água ao seu moinho... As suas convicções ninguém as tirava e subtilmente sabia impô-las, sem usar os modos autoritários que muitas vezes separam os pais dos filhos.

Essa influência eficaz reflectia-se na pequena Maria, que mantinha agora uma conduta irrepreensível e não dava motivos para preocupações.

Pouco antes de atingir os quinze anos despontou nela, porém, o desejo de... pintar os lábios.

Assim, um belo dia, não hesitou mais. Um pouco de vontade e muito de bravata — e ei-la sentada à mesa, com os pais, consciente do efeito de tal inovação e pronta a responder às censuras que não deixariam de lhe ser feitas.

O pai não lhe disse nada durante a refeição, mas quando esta acabou, saíram juntos e, com extrema gentileza, observou-lhe que não eram as transformações que contavam.

— O que é verdadeiramente importante — acentuou ele por fim — é a nossa melhoria por dentro.

Maria aceitou a lição com gosto e decidiu aguardar para muito mais tarde uma boa demonstração de «conquetterie»...

A arte de fazer chá

Em 1944, Maria estava definitivamente instalada na Suíça com sua família, que tinha deixado a Áustria por ocasião do avanço das tropas russas.

Ela manifestou, então pela primeira vez, o desejo de ser comediante. O pai, sem se opor à carreira de actriz, propôs-lhe no entanto, que experimentasse outra profissão.

— Quero ter a certeza de que poderás ganhar a vida sòzinha — sentenciou ele.

Desta maneira, Maria tornou-se secretária de um homem de negócios, que tinha muitas outras secretárias e ainda uma mania: o chá.

No primeiro dia em que a nova secretária prestou serviço (que sacrifício estar às 10 horas da manhã no escritório!) o patrão pediu-lhe que preparasse o chá para ele e três empregados.

Torna-se fácil imaginar que Maria não se desenvencilhou muito hàbilmente do encargo extra-profissional. O chá ficou com um gosto tão horrível, que o magnate acabou por o deitar fora e ir preparar pessoalmente a bebida que tanto o confortava...

Apesar de tudo, Maria continuou ao seu serviço e, durante muitos meses, ela bebeu três vezes por dia, com as outras secretárias, o chá que o patrão lhes preparava, em hora fixa. Evidentemente, fazia outras coisas além de beber chá e chegou mesmo a afirmar-se como secretária de qualidade, o que causou grande regozijo a seu pai.

— O teu patrão deu-me uma opinião bastante lisonjeira a teu respeito. Estou contente por ti — anunciou ele à filha.

Ela não perdeu tempo e aproveitou imediatamente a oportunidade para



Esta é uma das raras fotografias que restam a Maria dos seus tempos de escola. A sua alegria de viver reflecte-se de maneira assaz viva no sorriso com que fita as colegas de aula. Ela é, como já viram, a primeira da lado esquerdo.

Maria frequentou um colégio dirigido por religiosas. Eis uma fotografia tirada no fim do curso, que ela concluiu brilhantemente. Nessa época, as saias curtas estavam em moda e Maria ficou de joelhos à mostra. Ela é a primeira da direita, na fila de baixo.





Os esforços de Maria Schell no estudo da arte de representar permitiram-lhe desempenhar uma das principais figuras do «Fausto», de Goethe, num teatro de Viena.



Os fotógrafos começaram a interessar-se pelas extraordinárias qualidades fotogénicas de Maria. Este é um retrato do célebre artista Cecil Beaton.

fazer valer as suas aspirações artísticas.

— Já demonstrei que posso ganhar a vida sòzinha. Deixas-me agora ser actriz?

— Ganhaste — respondeu ele, sorridente. — Não tenho nenhuma razão para te impedir que escolhas a profissão que desejas.

O primeiro papel de Maria Schell não tardou a surgir. Corria então o ano de 1942. O cinema suíço era ainda uma indústria incipiente e Maria tinha apenas... 14 anos!... O filme passou, por isso, despercebido e não saiu sequer do próprio país. A maioria das pessoas só se lembram do seu título: «Steinbruch».

Após este primeiro ensaio concludente, mas sem glória, Maria decidiu-se a estudar verdadeiramente o seu «metier» de actriz, cursando uma escola de arte dramática em Zurique.

Ali, ela obteve o seu primeiro contrato teatral, que lhe proporcionou actuar sucessivamente nos teatros federais de Brenne e Soleure e, mais tarde, no palco do teatro de Berne.

Estes primeiros tempos da vida artística de Maria Schell não decorreram, contudo, sob o signo da facilidade. Assim, quando ela pisou o palco pela primeira vez, levava o coração num sobressalto. E, na segunda vez, aconteceu o mesmo.

Maria não tinha nenhuma con-



O convívio com a família tem sido, ao longo dos anos, uma nota característica da vida de Maria Schell. Apesar de ter uma actividade profissional assaz intensa, ela nunca perde o contacto com os seus. Ei-la servindo chá a sua mãe, Margarette Schell, numa pose para uma fotografia tirada por seu pai, o romancista Hermann Ferdinand Schell, muito conhecido no país dos quatro cantões.

fiança em si mesma e decidiu abandonar tudo. Dessa vez, porém, salvou-a sua mãe, incutindo-lhe coragem e confiança no futuro.

— Se tu queres verdadeiramente ser uma actriz, não podes entregar-te a caprichos — acentuou com doçura, mas também com firmeza, a senhora Schell.

Na terceira peça que representou, Maria conseguiu actuar já com mais segurança.

A pouco e pouco, ela foi criando mais confiança nas suas possibilidades e, ao mesmo tempo, juntando algumas economias.

A Suíça não era o país que poderia abrir-lhe as portas do triunfo em todo o mundo. Por outro lado, Maria sentia que precisava ainda de aprender mais, de enriquecer a sua cultura artística. Tinha agora 19 anos e uma ânsia sem limites de ser uma actriz verdadeira e completa.

Obedecendo aos imperativos do seu coração, Maria partiu para Viena. Ali reencontrou o seu amigo Karl Harth que lhe propôs desempenhar um dos principais papéis femininos de «Der engel mit der posanne», ao lado da notável actriz Paula Wessely.

Este filme retratava a história de uma grande família de fabricantes de pianos e de um anjo que tinha um clarim. Era um filme estranho e original, que chegou a ser exibido num festival de cinema, onde o produtor inglês Alexander Korda o viu, ficando

maravilhado com a interpretação de Maria Schell, ao ponto de decidir imediatamente dar-lhe uma oportunidade para se afirmar como actriz internacional.

Assim, enviou-lhe uma carta, perguntando, entre outras coisas, se falava inglês e convocando-a para um teste cinematográfico em Londres.

A alegria de Maria Schell não conheceu limites. Finalmente, vencera! Mandou executar um vestido especialmente para a viagem e preparou-se para conquistar Londres...

Além do mais, era a sua primeira viagem de avião...

Decepção à chegada

Ao desembarcar no Aeroporto de Londres, todo o optimismo da partida como que desapareceu sob o toque de uma varinha mágica. Nenhuma multidão viera aclamá-la e, à sua espera, estava apenas um enorme Rolls-Royce, de cor negra, com um motorista também negro, alto e forte como um gigante. Maria jamais conhecera figura tão impressionante e ficou estupefacta e amedrontada, sem poder avançar um passo.

Uma voz interior — a voz do medo — dizia-lhe que não estava à altura das circunstâncias...

Mas logo outra voz — a da prudência — lhe aconselhou que não devia voltar para trás... Esquecendo a primeira, deu ouvidos à segunda e entrou para o carro pela porta que o motorista lhe abria.

O automóvel conduziu-a até Claridge onde Korda lhe tinha reservado um apartamento. Um criado de luvas brancas apressou-se a transportar a pequena mala onde Maria trazia o seu reduzido guarda-roupa.

À noite, estava mais calma quando começaram a chegar os convidados para a recepção que Korda tinha organizado em sua honra. Cumprimentou Orson Welles e Carol Reed, que triunfava então com o celebérrimo «O Terceiro Homem». Ao jantar comeu ostras pela primeira vez — tão perplexa que não sabia como devia usar o garfo e a faca...

Não obstante todas as dificuldades, Maria triunfou plenamente. Ela não acreditava na sua capacidade, acusava-se de falta de elegância e duvidava da eficiência do seu inglês do liceu. Mas Alexander Korda, que tinha o dom de saber descobrir as qualidades mais insuspeitadas da cada pessoa, considerou-se plenamente satisfeito e propôs-lhe um contrato de sete anos.

— Não quero que decida já — disse-lhe ele, com um sorriso paternal. — Peço-lhe que reflicta...

O contrato em questão estipulava que Maria Schell poderia dispor de três meses por ano para trabalhar no teatro.

Entre maravilhada e confusa, ela regressou à Suíça pensando se deveria aceitar ou recusar a magnífica proposta de Korda. Por um lado, considerava-se ainda muito nova para aceitar um contrato de tamanha responsabilidade. Por outro, temia — e esse receio causava-lhe estremecimentos — não voltar a ter uma oportunidade igual...

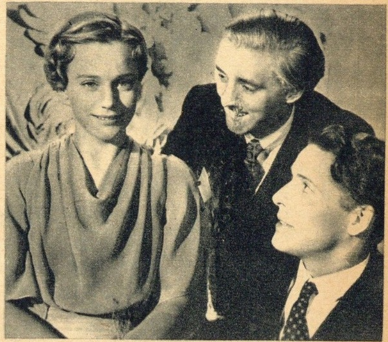
Por fim, decidiu banir todos os receios e temores. Era preferível experimentar imediatamente a sua sorte do que esperar três ou quatro anos. Lembrou-se do ditado: «Quem espera por sapatos de defunto, toda a vida anda descalço» e resolveu ir para a frente...

Assinou resolutamente o contrato com Korda e passou a residir em Londres. Com a sua actividade nos estúdios ingleses, Maria Schell deu



Alexander Korda abriu-lhe as portas do cinema inglês...

A internacionalização de Maria Schell como «vedeta» de cinema, começou na Inglaterra, num filme que, embora esteja nas prateleiras de um distribuidor português há já anos, ainda não encontrou um cinema que o queira exibir. Chama-se esse filme «Romance Vienense» (The angel with the trumpet). Os três principais papéis couberam a artistas hoje já retirados da vida cinematográfica: Eileen Heslie, Norman Wooland e Basil Sidney. Maria desempenhou o papel de uma pianista frágil e delicada, quase infantil...





início à carreira internacional, que ainda hoje surpreende ela própria, mais do que a ninguém.

Entre os seus sucessos no cinema britânico, importa destacar além da versão inglesa de «Der Engel Mit der Posanne», «The Magic Box», com Robert Donat e «O fundo do problema» (So little time) com Trevor Howard.

Depois, os alemães chamaram-na aos seus estúdios...

O primeiro prémio internacional

Não obstante ter iniciado a sua carreira cinematográfica em 1942, e de ter trabalhado sucessivamente em quatro países — Suíça, Áustria, Inglaterra e Alemanha — Maria Schell sòmente se tornou verdadeiramente conhecida no plano internacional quando em 1954 o júri do Festival de Cannes lhe atribuiu o primeiro prémio de interpretação pelo seu filme «A última ponte».

Para Maria Schell, este filme marcou uma etapa decisiva não só na vida artística como também na vida sentimental. Ela conheceu alguém, entre os seus colegas de trabalho, por quem se enamorou. Esse alguém não era famoso, nem era sequer actor. Era simplesmente Horst Haecher, o assistente do realizador Helmut Kautner.

Simples e comunicativa, irradiando simpatia como o sol irradia calor, Maria Schell viu os seus sentimentos plenamente correspondidos por esse jovem alto e forte, que preferia trabalhar atrás das câmaras, embora lhe não faltassem recursos físicos, nem simpatia pessoal para se tornar um galã de nomeada.

Impelidos pela certeza do amor que os unia, passaram a viver inteiramente um para o outro e as portas da felicidade abriram-se-lhes de par em par. Animado pela actriz, o jovem assistente tornou-se realizador e o seu primeiro filme «Amar-te-ei» deu-nos uma Maria Schell mais encantadora do que nunca.

O casamento tornou-se inevitável. E, assim, no dia 27 de Abril de 1957, em Munique, na Alemanha, numa igreja modesta, um padre abençoava o feliz matrimónio de uma mulher de 28 anos e de um homem de 38, ambos ligados à vida cinematográfica por um amor indestrutível.

As opiniões de Maria acerca do casamento

Para se avaliar perfeitamente a segurança com que Maria Schell deu o sempre difícil passo do casamento, eis o que a adorável actriz afirmou a esse respeito:

«Nenhuma mulher deseja que o seu casamento dure apenas quatro ou cinco anos. Um casamento deve durar até à morte, embora a experiência nos possa provar o contrário... Trata-se de um problema dos mais sérios e a causa de muitas noites de insónia, sobretudo quando a mulher vive separada do homem a quem ama.

No que me diz respeito, vou seguir a fórmula de Andrey Hepburn, que nunca se separa do marido. Mesmo quando ambos empreendem viagens profissionais, encontram sempre um meio de ficar juntos.

Audrey e Mel têm toda a razão. Quando a gente se casa, é para compartilhar tudo. Compartilhar torna-se a nossa força motriz. Ao cabo de pouco tempo, transforma-se numa doce obsessão. É a razão da nossa própria existência e a fonte da nossa felicidade.

Evidentemente, existe também o







Cumprimentada pela Raínha Mãe!

Ganhando maturidade de filme para filme, Maria Schell obteve o principal papel de «O fundo da questão», ao lado de Trevor Howard, que nessa época ocupava um lugar cimeiro entre os galãs ingleses pela sua brilhante interpretação em «Breve Encontro», de David Lean. A carreira de Maria pode ser avaliada pelo facto de ter sido escolhida para apresentar cumprimentos à Rainha-Mãe em nome dos artistas de cinema de Pinewood. Por sua vez, ela recebeu da real senhora vivos elogios pelo seu trabalho em frente das câmaras.





o sublime jogo fisionómico de MARIA SCHELL



UMA ROSA NO LODO

A ÚLTIMA PONTE

ENTRE MULHERES



UMA BOCA SONHADORA

ENQUANTO HÁ VIDA

AS MULHERES AMAM ASSIM

QUANTO ESTIVERES
LADO



UM DIA VIRÁ



reverso da medalha, quando se chega à conclusão de que só um dos cônjuges se dá de corpo e alma ao outro. Creio ser esta a razão de tantos casamentos desfeitos de Hollywood. Dois entes que se dediquem a uma profissão tão delicada como a nossa, não podem ceder às exigências dos seus compromissos artísticos, mas antes saber conciliá-los com o desejo de uma existência em comum...»

Por estas palavras se vê que a pequenina Maria Schell pensa como gente grande...

27 de Abril — uma data duplamente festiva!

No dia 27 de Abril de 1957 Fraulein Maria Schell passou não só a ser Frau Horst Haechler como também a menina-bonita de Hollywood.

Precisamente às 9 horas da sua noite de núpcias, Maria recebia, de Hollywood pelo telefone internacional, uma vantajosa proposta para interpretar a figura de Grushenka, de «Os irmãos Karamazor», o papel mais disputado por nomes famosos do cinema, como Marilyn Monroe, Carrol Baker, etc.

No dia seguinte, Maria partiu para Hollywood. Levava orgulhosamente no anelar esquerdo a aliança de ouro e o seu sorriso resplandecia como nunca.

De pés fincados em Hollywood

Em sua honra, realizou-se um «cocktail-party», oferecido por Walt Disney no Pent-House Club, entidade particular administrada pelos estúdios do famoso mago dos desenhos animados.

Apesar da suavidade, da gentileza e da alegria contagiante de Maria, não faltaram os inimigos e os despeitados. Ela sentiu à sua volta um ambiente cem por cento frívolo e mundano, a que não estava habituada e que pouco se coadunava com o seu espírito simples e buliçoso. Todos lhe prodigalizavam elogios e palavras de estímulo, mas ela sabia que não passava de uma estrangeira — e que como estrangeiras tinham por ali passado, inglòriamente, Michèle Morgan, Anne Vernon, Alida Valli e outras.

Logo que o filme ficou concluído, em meados de Agosto, Maria apressou-se a deixar Hollywood. Voou para Paris, na companhia do seu jovem e simpático marido, a fim de dar início ao filme «Une Vie», para Annie Dorfmann, a mesma produtora de «Gervaise».

Maternidade frustrada

Como presente do Natal de 1957, Horst Haecher ofereceu a sua esposa a colecção completa dos seus filmes. Naturalmente, Maria ficou contentíssima — tão contentíssima que se julgou a mulher mais feliz do mundo.

Na realidade, ela alcançara já tudo o que, como mulher e como actriz, poderia desejar. Tinha a seu lado um marido simpático e generoso, que lhe prodigalizara a todo o instante as mais diversas manifestações de amor. Como actriz, era detentora dos prémios de interpretação dos festivais de Berlim, Cannes e Veneza e vencera ainda durante vários anos consecutivos — 1951, 1952, 1954, 1955, 1956 e 1957 — os concursos promovidos em toda a Alemanha para apurar a actriz mais popular do cinema germânico.

Mas na roda da vida nada é estável. Mesmo quando se possui tudo para uma felicidade completa, eis que de repente surge qualquer coisa a ofuscar o brilho dessa felicidade: ia ser mãe!...

Com efeito, dias depois de se sentir

Na série de filmes sentimentais em que ganhou fama, interpretando como nenhuma outra os grandes dramas profundamente sentidos pelo seu coração de mulher, Maria actuou quase sempre ao lado de um galã que, embora não seja, entre nós, o «Ai-Jesus» das meninas cinéfilas, é considerado na Alemanha como o actor n.º 1 do país: O. W. Fischer.



O galã preferido de MARIA SCHELL é o alemão O. W. Fischer





Tanto em «Uma boca sonhadora», como em «As mulheres amam assim» ou ainda nessa obra-prima dramática «Enquanto estiveres a meu lado», O. W. Fischer e Maria Schell revelaram-se verdadeiros mestres na arte de representar e um par de simpatia inexcedível.

a mulher mais feliz do mundo, ela entrava de urgência numa casa de saúde, vítima de um parto prematuro de que resultou a perda do filho que esperava!

A asa negra da desgraça desabava assim na vida de Maria Schell, roubando-lhe o sonho máximo da sua existência: ser mãe!

Vem-nos à memória «Enquanto há vida...», um dos mais impressionantes filmes de Maria. Tratava-se da história semelhante de uma mãe que perdia o seu filho devido a uma doença incurável. Acometida de profunda dor, ela caía no estado de quem não deseja outra coisa senão a morte. Depois, porém, readquiria a razão ao ver que o marido precisava da sua presença para começar a vida de novo...

Com o parto prematuro de Maria, a história repetiu-se... Perdido o filho em que punha tantas ilusões e esperanças, ela conseguiu reanimar-se com a ajuda de Horst Haecher, que continuava a amá-la com o mesmo fervor dos tempos felizes, com a mesma sensibilidade e o mesmo calor humano.

— Preciso de ti — confessou ele, com a emoção a brilhar nos olhos puros. — A esperança não morre... E o público precisa da tua arte...

A pouco e pouco, o sorriso incomparável de Maria começou a aflorar aos seus lábios pálidos. Comparou-se a um combatente que, na frente da batalha, cai e desfalece, mas nunca desiste de caminhar em frente até alcançar a vitória — ou tombar definitivamente na terra em que nasceu...

No dia em que se levantou do leito da casa de saúde, Maria não se mostrou vencida pelo desgosto. Havia um vácuo na sua alma de mulher, mas nesse momento a actriz impôs os seus direitos, mostrando-se forte e segura.

O regresso ao cinema

Durante a sua permanência em Hollywood, Maria Schell assinou com a Metro Goldwyn Mayer um contrato para mais quatro filmes. Ela começou, assim, a estudar o papel que lhe cumpria interpretar num filme de «cow-boys» ao lado do veterano Gary Cooper.

Depois mais segura de si, regressou à capital do cinema, onde actualmente permanece na companhia de Horst Haecher. Maria considera o casamento o mais belo dos seus filmes. Esse o segredo da sua confiança no futuro, a sua certeza de que o amor e a arte se fundem numa aliança maravilhosa, que nada poderá destruir.

E terminemos com estas palavras de Maria Schell:

«Se me permitis esta confissão sentimental, devo declarar que nada mais desejo senão uma coisa: a de que, correspondendo às infinitas esperanças que ponho na felicidade que encontrei com o casamento, ele me proporcione ainda outras tantas alegrias como as que já me deu a ventura de conhecer».





Romântica e trágica...



Actriz romântica por temperamento, Maria Schell não enfileira, felizmente, naquele género de artistas que só sabem interpretar determinado tipo de papéis. Com efeito, ela adapta-se com impressionante facilidade a qualquer personagem, seja de natureza amorosa, seja de outras características.

Ao lado de Ivan Desny, em cima, no filme «Enquanto há vida...», ela desempenha o papel de mãe, esposa e amante com uma intensidade humana que deslumbra, emociona e enternece.

Mas, para se avaliar na sua verdadeira grandeza o talento de Maria Schell torna-se necessário conhecer a sua actuação em «A última ponte» (à esquerda), filme que infelizmente não pode circular no nosso país, embora seja exibido nas nossas províncias ultramarinas. Encarnando a figura de uma jovem que conhece os horrores da guerra no mais íntimo da sua alma e da sua carne, ela revela-se uma actriz trágica em que não é menos sublime do que como romântica.

MARIA SCHELL

fala sobre a sua vida artística

Há três ideais por que um actor pode lutar: enriquecer, tornar-se famoso e progredir sempre.

Pela minha parte, prefiro quase exclusivamente este último ideal.

Amo a arte dramática tanto como a um ser humano. Tinha catorze anos quando comecei a dedicar-lhe a minha vida. Desde então, venho gradualmente vencendo os degraus da carreira artística, sempre receosa de atingir a meta final.



Prefiro, por exemplo, não conquistar nenhum «Oscar», porque se trata de um prémio que encerra algo de definitivo e que, no futuro, poderia ser prejudicial à minha arte.

Esta a razão por que não tenho pressa em fazer filmes, ao mesmo tempo que não resisto a propostas que me pareçam verdadeiramente importantes. «Os Irmãos Karamazov» constitui para mim a experiência por que ansiava.

Qualquer artista deste mundo — diga ele ou ela o que disser — tem duas razões para ir do palco para o cinema — curiosidade e dinheiro. Pelos mesmos motivos, todos desejam fazer carreira em Hollywood.

E, no entanto, quando intimamente marcamos Hollywood como o nosso próximo objectivo, nunca a situamos num alto conceito. Dir-se-ia que metemos na cabeça beber vinte garrafas de cerveja no espaço de uma noite, embora nos falte o desejo de o fazer...

Quando Sacha Guitry meteu ombros à realização do seu monumental «Napoleão», ele confiou a Maria Schell um dos principais papéis do filme — a figura de Maria Luísa, cuja alma amargurada e complexa requeria uma actriz de recursos completos. Pode-se afirmar que nunca como em «Napoleão», Maria exibira tanto a sua fulgurante beleza.



Dois papéis diametralmente opostos:

Maria Luísa em "Napoleão"

e camponesa em «Uma rosa no lodo»



Ser bela não é, para ela, porém, razão suficiente para se considerar plenamente satisfeita na vida artística. Se não fosse bela, Maria não desistiria, mesmo assim, de ser actriz, porque essa tem sido a sua principal razão de viver, juntamente com o amor de Horst Haechler. Daí o facto que não deve admirar a ninguém, dela aparecer por vezes encarnando figuras tão simples e modestas como a criada de «Uma rosa no lodo».

Recordista de prémios internacionais

O palmarés de Maria Schell no que se refere a prémios obtidos em festivais e concursos constitui um verdadeiro recorde no género.

Nos anos de 1951, 1952, 1954, 1955, 1956 e 1957, ela cotou-se, com grande maioria de votos, como a mais popular actriz da Alemanha, nos concursos promovidos pela revista «Film Revue». Num país que tem, entre outras, actrizes popularíssimas como Ruth Leuwerick, Romy Schneider, Liselotte Pulver, Lili Palmer, Catarina Valente, Marianne Kock, Erika Remberg, Marika Rokk, Barbara Rutting e Hildegard Neff, o triunfo de Maria Schell avulta ainda mais, não falando já no facto de que esse triunfo se vem repetindo desde 1951 com impressionante regularidade.

Igualmente expressivos nos parecem os prémios que Maria conquistou nos três principais festivais de cinema da Europa, em Cannes, Berlim e Veneza, afirmando-se com os seus filmes «A última Ponte», «Entre Mulheres» e «Gervaise», a melhor actriz de dezenas de países concorrentes.



* *

Na família de Maria Schell todos são artistas...

No filme «O Baile dos Malditos» com Marlon Brando, participa, no papel de um oficial nazista, um jovem chamado Maximilian Schell. Trata-se do irmão mais velho de Maria, actor profissional que fala oito línguas, escreve teatro, dedica-se à pintura e é ainda um apreciado pianista...

O outro irmão chama-se Carl e, além de galã de teatro e cinema, é também realizador. Vive na América do Sul, onde fundou uma sociedade de produção de filmes-documentários.

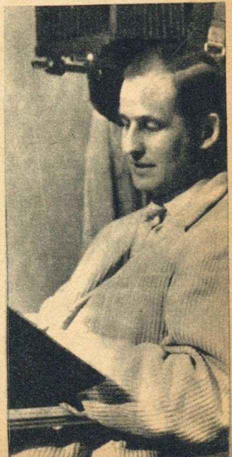
Maria Schell tem também uma irmã, dois anos mais nova, que actua como primeira figura feminina do teatro de Dusseldorf. Ao contrário dos outros membros da família, não se chama Schell, mas Editha Nordberg.

Em conclusão, Maria Schell é apenas a figura mais brilhante de uma família fadada para trilhar os caminhos gloriosos da vida artística.



AMAR-TE-EI SEMPRE o filme em que Maria trabalhou às ordens de Horst

Na carreira de Maria avulta um filme de natureza essencialmente romântica: é «Amar-te-ei sempre». A este facto não é estranho, certamente, a aliança que houve entre o realizador Horst Haechler e a «vedeta» Maria Schell — marido e mulher na vida real. Com efeito, tanto um como o outro conseguiram atingir o auge das suas possibilidades mercê dessa aliança que desejaríamos ver repetida.



ELES continuam em lua de mel!...

Toda a gente sabe, ou calcula, como é agitada a vida das «estrelas» de cinema. O trabalho dentro e fora do estúdio absorve-lhes grande parte do tempo e, como se ele não bastasse, a «estrela» vê-se obrigada a receber jornalistas, a responder aos milhares de admiradores que lhe escrevem as cartas mais inconcebíveis, uns perguntando se podem acalentar esperanças a respeito de um possível casamento, outros pedindo conselhos sobre a maneira de seguirem a vida artística...

Muitas artistas mal chegam a realizar as suas inclinações românticas, peculiares a todas as mulheres. Não têm tempo, ou quando o têm, o corpo pede-lhes descanso e não devaneios amorosos... Apesar de tudo, porém, o coração acaba por lhes impor o que elas desejariam não cinhecer. Vem o amor e, com ele, a seiva que alimenta a alegria de viver, o sonho deu ma felicidade completa. Essafelicidade um sopro pode desfazê-la, um descuido extraviá-la... Muitas vezes, basta um comentário venenoso de uma jornalista despeitada, e o que tinha custado sangue a ganhar fica reduzido a cinzas de saudade...

O amor — esse sonho tão caro para as «estrelas» de cinema — tem tornado Maria Schell uma mulher feliz... Ela e Horst sabem o que querem e para onde vão...

Por isso, o casamento para eles é amor, e amor é lua-de-mel...



Onde quer que os fotógrafos os surpreendam, Maria e Horst têm sempre nos lábios um sorriso feliz, como se vivessem no país dos sonhos dourados...



O brilho dos olhos de Maria nesta fotografia do dia do seu casamento reflecte bem o que se passou na sua alma... «Dir-se-ia que o céu tinha descido até mim!» — escreveu ela mais tarde na revista belga «Ciné-Revue».





A hora do almoço para dois apaixonados é o único tempo em que eles falam de assuntos sérios...



...mas nunca esquecendo, claro, o estômago, que tem exigências que o coração não entende...



Ela gostaria de dizer: «Amo-te, querido», em voz alta, para que toda a gente ouvisse, mas a prudência aconselhou-lhe um meio mais agradável...

a taberna

o filme que atraíu Hollywood...





Quando se vê um filme de Maria Schell, fica-se com a impressão de que não se pode ir mais além. Mas essa impressão, verifica-se depois no filme seguinte, nunca é confirmada, porque Maria consegue sempre superar tudo o que anteriormente nos deu. Assim, sucedeu uma vez mais, em «Gervásia», em que ao lado de François Périer, sob as ordens de René Clement, ela conseguiu até atrair a atenção da insensível Hollywood, ganhando a Marilyn Monroe o papel de Gruschenka.





Em cada companheiro de filmagens, Maria tem um bom amigo!

A simplicidade de Maria Schell é uma das suas qualidades mais simpáticas, tanto mais de realce quanto, na verdade, essa qualidade é infelizmente rara entre a gente de cinema. Em Hollywood, Maria tornou-se, por assim dizer, a companheira de brincadeiras de Yul Brynner, como atesta a imagem de cima, em que ela se diverte ouvindo o «galã-careca» cantar uma das suas esquisitas canções... Mas a amizade que Maria sente pelos seus companheiros de trabalho vai especialmente para as crianças, como sucedeu com a pequenita de «Amar-te-ei sempre». E, nessa amizade, existe certamente um pouco da sua maternidade frustrada.

DATA	TÍTULOS DOS FILMES	ARTISTAS	PAÍSES
1942	Steinbruch		Suíça
	Mach Dem Sturm		Suíça
1948	**A História de um Grande Amor** Der Angel Mit Der Posaune	Dieter Borsche	Áustria
	Romance Vienense (The Angel With The Trumpet)		Inglaterra
1949	Maresi		Áustria
	Um Dia Virá (Es Koment Ein Tag)	Dieter Borsche	Alemanha
1950	**Diário de uma Mulher Apaixonada** (Dr. Holm)		Alemanha
1951	So Little Time		Inglaterra
	The Magic Box		Inglaterra
	As Mulheres Amam Assim (Bis Wir uns Wiedersehn)	O. W. Fischer	Alemanha
	Uma Boca Sonhadora (Der Traeumende Mund)		Alemanha
	Enquanto Estiveres a meu Lado (So Lange Du Da Bist)	O. W. Fischer	Alemanha
	Tagebuch Einer Verliebten		Alemanha
	O Fundo da Questão (Heart of the Matter)	Trevor Howard	Inglaterra
1954	**Enquanto há Vida...** (Kerr Unber Leben Und Tod)		Alemanha
1955	**Entre Mulheres** (Die Ratten)	Curd Jurgens	Alemanha
	A Última Ponte (The Last Bridge)		Áustria
	Napoleão (Napoleon)	Raymond Pellegrin	França
1957	**A Taberna** (Gervaise)	François Périer	França
	Amar-te-ei Sempre (Liebe)	Raf Vallone	Alemanha
	Uma Rosa no Lodo (Rose Bernd)	Raf Vallone	Alemanha
	Noites Brancas (Notti Bianches)	Marcello Mastroianni	Itália
1958	**Uma Vida** (Une Vie)	Christian Marquand	França
	Os Irmãos Karamazov (The Brothers Karamazov)	Yul Brynner	América
	The Hanging Tree	Gary Cooper	América
	Der Schinderhannes	Curd Jurgens	Alemanha



Um pé em Hollywood e o outro na Europa!

Os êxitos consecutivos que tem alcançado deram a Maria uma posição privilegiada no mundo do cinema. Na realidade, ela é hoje disputada pelos estúdios de todo o mundo. Ùltimamente filmou «Noites brancas», em Roma, depois «Os irmãos Karamazov» em Hollywood, logo a seguir «Uma vida», em Paris, e, por último, «The Hanging Tree» de novo em Hollywood. Com um pé no lado de lá do Atlântico e o outro no lado de cá, ela não se deixa vencer, contudo, pela facilidade e todos os seus filmes se distinguem por serem obras fora de série. Quer «Os irmãos Karamazov», baseado em Dostoiewsky, quer «Une Vie», baseado em Maupassant, ela continua a sua brilhante carreira com a sensibilidade e o talento, cada vez mais requintados, que a tornam verdadeiramente única em todo o mundo.



NO PROXIMO NÚMERO

JAYNE



MANSFIELD

«a loira explosiva»



N. 34

PREÇO 2$00

Fotogravura Nacional, Lda.